Cem anos em 22

Opiniões - Página 5

5 de outubro de 2021

Cem anos em 22

FLÁVIO BRAYNER		acepção de uma nação cuja si é inautiêntica e por isso inca
N To prósimo ano estaremos	um Macunaíma	de dirigir seu projeto nacional
No possimo ano estaremos comemorando os soo anos da Semana de Arte Moder-	sensual risonho.	Minio de Andrade detir uma apuda consciência do n
na que teve em Másio de Andra-		so subdesessolvimento, esta
de o sea Sumo Puntifice, O Movi-	arlequinal, ambiguo	sa, por esemplo, em um de s
mento Modernista tinha, na letra	e postico, mas	prefacios a Macunaima: "Dep
e no espisito, a política cultural como forma de libertacio dos va-	e postiço, mas	de pelejar muito, verifiquei qu brasileiro não tem carátes. E o
lores e similicados recrimidos e	incapaz de vencer	a malarra, cariter mão deter
excluitos.		no anexas uma realidade no
lato dava à "cultura popular"	as forças com que	mão, em vez entendo a entid
a incumbilecia de libertar a atlei-	luta	póquica permanente, se ma
dade artística do academiciono, dersibando a semeração entre	IUId	festindo por tudo, nos costum na ação exterior, na lingua, t
arte evide "abrandores a Brasil"		to no hom come no mal. O he
significava para Minis, desenvol-	ca dos elementos que pudencem	leiro não tem caráter possue s
ver a membria histórica para fa-	ofencer novas bases a uma bra-	possui nen chilização pelg
zer csincidir a realidade indivi-	silidade lingüístico e cultural, Ele	nen consciencia tradicional".
dual com a entidade nacional: a consciencia nacional persona	foi um típico "intelectual orgâni- co": emolédo distamente com	Surge um Macunaima s rasil, riscebo, arlegainol, am
pela reperacio des "Goscalves	as classes mais moderniamies	go e potico, may incopar
Dist" e dos "Nescar", intelec-	do pais, pensava a modernidade	vencer as forças com que la
tuais disorciados do "seio popu-	nacional, não como racionaliza-	Mais do que descrever a "al
lar".	ção burociática e administrativa	nacional" parece que Mário
Na segunda metade dos anos vinte. Mário realizou duas via-	de nossas instituições, mas co- mo uma resporta "pressinamente	ten diagnosticando uma po- losia da "consciência nacion
even "Hann Season clear Va-	nacional" aos nossos problemas.	da qual ainda estamos tentro
a Amaginia e outra para o Nor-	Problemas que ele identificana.	not brand.
deste, apotando e fotografando	especialments, na possa Talta	
espressões, ritos, estilos e fala-	de cardine", não no sentido moral	O Flávio Brayner, professor
nes da "cultura popular" em bus-	a que nos accelumamos, mas na	Shular da UFFE

No próximo ano estaremos comemorando os 100 anos da Semana de Arte Moderna que teve em Mário de Andrade o seu Sumo Pontífice. O Movimento Modernista tinha, na letra e no espírito, a prática cultural como forma de libertação dos valores e significados reprimidos e excluídos.

Isto dava à "cultura popular" a incumbência de libertar a atividade artística do academicismo, derrubando a segregação entre arte e vida: "abrasileirar o Brasil" significava para Mário, desenvolver a memória histórica para fazer coincidir a realidade individual com a entidade nacional: a consciência nacional passava pela superação dos "Gonçalves Dias" e dos "Alencar", intelectuais divorciados do "seio popular".

Na segunda metade dos anos vinte, Mário realizou duas viagens "etnográficas": uma para a Amazônia e outra para o Nordeste, anotando e fotografando expressões, ritos, estilos e falares da "cultura popular" em busca dos elementos que pudessem oferecer novas bases a uma brasilidade lingüística e cultural. Ele foi um típico "intelectual orgânico": envolvido diretamente com as classes mais modernizantes do país, pensava a modernidade nacional, não como racionalização burocrática e administrativa de nossas instituições, mas como uma resposta "genuinamente nacional" aos nossos problemas. Problemas que ele identificava,

especialmente, na nossa "falta de caráter", não no sentido moral a que nos acostumamos, mas na acepção de uma nação cuja alma é inautêntica e por isso incapaz de dirigir seu projeto nacional.

Mário de Andrade detinha uma aguda consciência do nosso subdesenvolvimento, expressa, por exemplo, em um de seus prefácios a Macunaíma: "Depois de pelejar muito, verifiquei que o brasileiro não tem caráter. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, na língua, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional".

Surge um Macunaíma sensual, risonho, arlequinal, ambíguo e postiço, mas incapaz de vencer as forças com que luta. Mais do que descrever a "alma nacional" parece que Mário estava diagnosticando uma patologia da "consciência nacional" da qual ainda estamos tentando nos livrar!.

Flávio Brayner, professor titular da UFPE.